



XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

Violência, Realidade e Ficção: o caso da telenovela *Mulheres Apaixonadas*¹

Sarah Adjuto Bontempo²

Professora Dra. Tânia Montoro³

Universidade de Brasília

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar a representação da violência na telenovela *Mulheres Apaixonadas* e o impacto dessa representação na sociedade brasileira. Consiste em identificar as principais categorias de violência abordadas pela telenovela e verificar como essas categorias são representadas e que tipo de ações resultaram dessa representação. Com base na coleta de material mediático, da legislação existente sobre os temas de violência abordados e de depoimentos de parlamentares e autoridades foi feita uma análise do impacto dessas representações na mídia e na sociedade brasileira.

Palavras-chave

Representação; violência; telenovela

Corpo do trabalho

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo: (a) compreender de que forma a violência foi representada na telenovela *Mulheres Apaixonadas*, (b) inferir qual foi seu impacto na mídia e na sociedade brasileira e (c) analisar as possíveis contribuições da abordagem de temas sociais em produtos culturais notadamente identificados como de entretenimento.

A telenovela é o produto de maior audiência da televisão brasileira e um dos principais programas da Rede Globo de Televisão. Atualmente, cerca de dez telenovelas diárias são exibidas entre as quatro principais emissoras: Rede Globo, SBT, Record e Bandeirantes. De autoria de Manoel Carlos, *Mulheres Apaixonadas* foi exibida pela Rede Globo de Televisão entre 11 de fevereiro e 17 de outubro de 2003, no

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior – Comunicação audiovisual, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em Comunicação Social/Publicidade pela Universidade de Brasília.

³ Professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, doutora em Comunicação Audiovisual e Publicidade pela Universidade Autônoma de Barcelona.



horário das 20h30min e teve picos de audiência de 60 pontos no Ibope, tendo sido vista diariamente por cerca de 35 milhões de pessoas.

Michèle e Armand Mattelart (1998:113) afirmam que *“não se pode cobrar da televisão e da telenovela o que ela não é. Ela reflete apenas a situação brasileira. Televisão não é fator de mudança”*. Entretanto, num país em que 91,5% dos domicílios urbanos possuem pelo menos um aparelho de TV a cores⁴ e onde o índice de analfabetismo ainda é elevado, a televisão torna-se uma das principais fontes de lazer e informação da população. Considerando que apenas a TV Globo apresenta, por dia, três telenovelas inéditas, uma reprise e uma minissérie ou seriado, não seria pedir muito que ao menos uma dessas ficções estimulasse discussões sobre assuntos relevantes.

Ao apresentar produtos culturais de massa que não se limitam a serem programas de entretenimento, mas que têm a preocupação de informar, esclarecer e provocar reflexão, uma emissora colabora para a construção da cidadania, abrindo maiores possibilidades ao debate público.

2. Responsabilidade social

O impacto ambiental e social causado pelas novas tecnologias e pelo avanço da ciência tem sido motivo de preocupação constante na sociedade atual. Não é mais possível pensar em desempenho da função social como algo restrito a entidades estatais e governamentais. Empresas, indústrias e cidadãos são todos parte de um mundo cada vez mais globalizado e que interage, independentemente de suas fronteiras.

Nesse cenário, a ética abre espaço para avançar também em seus conceitos com a consolidação do pensamento socialmente responsável. No Brasil, em particular, faz-se ainda mais necessário esse pensamento estratégico diante de uma sociedade tão desigual e em que, muitas vezes, os meios de comunicação são o principal contato entre indivíduo e sociedade.

Nesse sentido, Perdigueiro (2003:179) defende que as responsabilidades de uma empresa não se restringem aos acionistas, mas estendem-se a todos os indivíduos e grupos envolvidos ou afetados por suas decisões. Entende que a empresa é co-responsável pelos problemas e desafios que a sociedade enfrenta.

⁴ <http://www.ibge.gov.br/>



Ao adotar esse pensamento, uma empresa socialmente responsável ajusta seus interesses aos da sociedade, de modo a contribuir para uma melhora da qualidade de vida e de maior controle social das ações do governo. Não se trata de uma substituição de papéis. A empresa não pode ocupar o espaço do Estado, que deve fornecer educação, saúde, informação e segurança a todos. Pode, no entanto, colaborar com ele, usufruindo de seu alcance e força. Ao assumir essa responsabilidade, a empresa contribui para a sociedade e cria, ao mesmo tempo, uma imagem positiva de si mesma.

A Rede Globo, por exemplo, utiliza-se desse recurso para melhorar sua imagem, ao padronizar e divulgar as ações sociais que realiza. Um exemplo disso é a divulgação em seu site⁵ de todas as atividades sociais que a empresa realiza e apóia. Entre os trabalhos socialmente comprometidos, a empresa destaca o merchandising social nas telenovelas, em que mensagens sociais são inseridas em histórias paralelas à trama principal.

O merchandising social aparece como uma das ferramentas do marketing social. Marcio Schiavo e M. Fontes⁶ defendem que o marketing social visa implementar ações estratégicas com o objetivo de promover discussões, informar sobre assuntos relevantes e contribuir para que haja mudanças comportamentais na sociedade:

Marketing social é a gestão estratégica do processo de mudança social a partir da adoção de novos comportamentos, atitudes e práticas, nos âmbitos individual e coletivo, orientadas por princípios éticos, fundamentados nos direitos humanos e na equidade social. O termo é empregado para descrever o uso sistemático dos princípios e métodos do marketing orientados para promover a aceitação de uma causa ou idéia, que levem um ou mais segmentos populacionais identificados como público-alvo a mudanças comportamentais quanto à forma de sentir, perceber, pensar e agir sobre uma determinada questão, adotando a respeito novos conceitos e atitudes.

Thomas Tufte (2004) salienta a importância de uma comunicação estratégica voltada para o desenvolvimento social. Para ele, a telenovela pode exercer um importante papel na articulação de mudanças sociais e culturais. Além disso, a presença maciça da ficção nas vidas cotidianas das audiências tem um potencial enorme para promover debates públicos e articular as identidades dos cidadãos.

Na América Latina, o impacto e o papel das telenovelas na sociedade vêm sendo vistos várias vezes articulando debates, movimentos sociais, direcionando as iniciativas dentro da legalidade e mudanças de leis e tendo também um impacto significativo sobre o desenvolvimento da sociedade. (...) No caso do Brasil, as telenovelas têm crescido – e

⁵ Cf. <http://redeglobo3.globo.com/institucional/>

⁶ cf: <http://www.socialtec.org.br/artigos/Colaboradores.htm#marcio>



especialmente em meados dos anos 1980 até agora – e ganhou um lugar no processo de redemocratização e articulação da cidadania.(...). No caso do Brasil, essas condições, ligadas à popularidade das telenovelas, têm favorecido que sejam uma plataforma de mediação acessível com um papel crescente no debate público e finalmente no exercício do poder político. (TUFTE, 2004: 296 e 302)

Tufte acredita que a utilização da telenovela com um propósito definido de educar e informar é uma excelente estratégia para o desenvolvimento social dado o alcance dos meios de comunicação. Afirma, no entanto, que esse tipo de programa ainda é raro no Brasil. O merchandising social seria aquilo que mais se aproximaria dessa estratégia.

Conseqüentemente, essas iniciativas têm sido de menor monitoramento e evolução do que a experiência internacional usando entretenimento e educação. Mesmo assim, não se deve dizer que o merchandising social nas telenovelas da América Latina não tem contribuído para mudanças sociais. Há de fato numerosos exemplos de mudanças significativas articuladas pela telenovela. (id.ibid.:305)

Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2002) concorda com a opinião de que a telenovela tem grande importância na vida cultural e política da sociedade latino-americana:

As telenovelas são os programas de maior audiência em toda a América Latina e sua importância cultural e política cresce continuamente porque deixam de ser apenas programas de lazer, e se tornam um espaço cultural de intervenção para a discussão e introdução de hábitos e valores. O estudo da telenovela permite aprofundar os conhecimentos das relações entre as dimensões da cultura, da comunicação e do poder. (VASSALO DE LOPES, 2002:160)

3. Responsabilidade social na telenovela *Mulheres Apaixonadas*: a representação da violência

Mulheres Apaixonadas cumpriu um importante papel social ao abrir espaço para a discussão de temas sociais de interesse da população em sua trama. Dentre as várias temáticas abordadas, a violência esteve presente em quase todas: no casal de idosos que sofria maus-tratos, agressões verbais e discriminação dos próprios familiares, na mulher que era espancada pelo marido, no casal de homossexuais que era discriminado por uma colega da escola, na mulher que morreu vítima de uma bala perdida no meio da rua, na criança que sofria com o abandono e com os maus-tratos da avó. Todas essas histórias narradas na ficção televisiva permearam o imaginário brasileiro durante o período de exibição da telenovela.

3.1. Quadro conceitual e metodologia

Apesar de *Mulheres Apaixonadas* apresentar diversos temas importantes foi preciso selecionar os mais relevantes para a proposta deste trabalho. Assim, optou-se pelos temas sociais em que a violência fosse determinante, que tiveram maior destaque na trama e em que houve alguma ação correlata no Congresso Nacional. Dessa forma, foram identificadas três principais categorias: a violência urbana, a violência contra a mulher e a violência contra o idoso.

A análise da representação da violência na telenovela foi realizada a partir da perspectiva da Análise de Conteúdo do Discurso, baseado principalmente nos estudos da pesquisadora Laurence Bardin⁷. Essa metodologia possibilitou classificar em categorias temáticas os tipos de violência inseridos na trama e a forma como essa violência foi construída. Com base nessas categorias, foi feita uma análise dos conteúdos audiovisuais discursivos presentes na narrativa.

No sentido de compreender a representação da violência contra idosos, contra as mulheres e da violência urbana na cidade do Rio de Janeiro na telenovela *Mulheres Apaixonadas*, dois autores principais orientaram nosso estudo: Serge Moscovici e Peter Berger.

Para Moscovici, as representações constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como principal meio para estabelecer associações com as quais nós nos relacionamos com os outros. Essas representações têm o objetivo de familiarizar o não-familiar. As representações são sempre o resultado de um esforço constante de tornar comum algo que é incomum.

Dessa forma, as representações se tornam senso comum. Peter Berger entende como senso comum “o conhecimento que eu partilho com os outros nas rotinas normais, evidentes da vida cotidiana”. (BERGER e LUCKMAN, 2004:40)

O mundo é constituído de múltiplas realidades. Berger estuda a realidade da vida cotidiana. Seu objetivo é identificar os processos de construção e funcionamento dessa realidade. Ou seja, entender como criamos a imagem, a idéia do que é determinada coisa, do que é um francês, um inglês, um brasileiro.

⁷ BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2004.



Como exemplo, Vera Lucia Figueiredo (2004) explica que o que entendemos como violência hoje é muito diferente do que era entendido há 20 anos. O tempo, a história e o espaço podem mudar os conceitos.

A maneira como uma pessoa de Belo Horizonte, ou de Porto Alegre, fala e percebe a violência no Rio de Janeiro não é igual à dos cariocas. A representação da violência no Rio construída pela imprensa - particularmente televisiva - e distribuída nacionalmente, e as representações construídas pelas pessoas que vivem na cidade não são necessariamente equivalentes. (FIGUEIREDO, V.L.; PEREIRA, M.; GOMES, R.; 2004:17)

Essas representações formam um acervo social de conhecimento que é transmitido de uma geração a outra e utilizado pelo indivíduo na vida cotidiana. Na telenovela *Mulheres Apaixonadas*, a cidade do Rio de Janeiro é o espaço onde se desenrola a trama. Grande parte dos personagens principais vivem no Leblon, um bairro nobre. A cidade é apresentada ao telespectador por meio de ícones como o Cristo Redentor, o calçadão e as praias.

Manoel Carlos é conhecido por escrever telenovelas ambientadas no Rio de Janeiro e por explorar bastante as belezas naturais da cidade. Em telenovelas anteriores como *Laços de Família*, *Por Amor*, *História de Amor* e *Felicidade*, o Rio de Janeiro do autor era a cidade dos sonhos. Em *Mulheres Apaixonadas*, pela primeira vez, o autor questiona essa forma de representar a cidade.

De um lado existe a cidade maravilhosa, com suas praias e gente bonita. Até aí prevalece o lugar-comum, ao qual o telespectador já está habituado. Do outro lado, existe uma cidade violenta, antes restrita às favelas e agora revelada por meio dos jornais e telejornais, pelas conversas entre vizinhos, pelo tiroteio no meio da rua. O autor, ao inserir na trama uma cena em que uma personagem querida do público é morta por uma bala perdida, fruto de uma troca de tiros entre policiais e bandidos em pleno Leblon, desmistifica a cidade maravilhosa que ele mesmo havia construído. A violência, portanto, passa a integrar a vida dos personagens que antes viviam uma vida de fábula e agora se aproximam um pouco mais do cotidiano dos telespectadores.

O aumento da violência no país fez com que o assunto fosse largamente explorado pelos meios de comunicação. A violência que acontece todos os dias nas vidas de milhares de pessoas é transmitida incansavelmente e até simultaneamente pelos telejornais.

A proposta deste artigo é analisar como a violência foi representada na telenovela em questão e se essa representação gerou debates positivos e mudanças sociais. Com o

objetivo de compreender o papel dos meios de comunicação no tratamento da temática da violência, o estudo baseia-se principalmente nos trabalhos da autora Elizabeth Rondelli.

Rondelli (1983) critica a abordagem do tema pelos programas noticiosos que raramente buscam as motivações para explicar os atos violentos. Muitas vezes, os telejornais apresentam os atos apenas a partir de alguns pontos de vista privilegiados, diferente do que ocorre nos programas de ficção. As causas são raramente discutidas e o espectador perde a oportunidade de refletir e buscar soluções para o problema. O debate público deixa de ser o objetivo final das transmissões, que passam apenas a relatar fatos.

É exatamente a esse objetivo final que Rondelli (ibidem:149) se refere quando afirma que “em relação à violência, a mídia, na sua condição de macrotestemunha privilegiada, passa a ser ator social importante dos fatos, no ato de os expor para além dos estreitos limites onde efetivamente aconteceram”. A violência contribui para a produção de sentidos sobre o ato violento. “Sentidos que não só denunciam suas específicas visões de mundo, como orientam práticas sociais, políticas, culturais. Assim, a violência e suas imagens têm o poder de convocar sujeitos em direção a alguma ação social”. O objetivo da violência retratada deve ser o de promover uma discussão no espaço público.

A autora defende ainda que a mídia forma um pensamento sobre a violência e engendra possíveis ações. Ou seja, a representação da violência pela mídia produz significados para o telespectador.

Portanto, compreender a mídia não deixa de ser um modo de estruturar a própria violência, pois quando esta se apropria, divulga, espetaculariza, sensacionaliza, ou banaliza os atos da violência está atribuindo-lhes um sentido que, ao circularem socialmente, induzem práticas referidas à violência”. (...)” A violência que mais incomoda e convoca ações reativas é aquela mostrada, tornada visível através de imagens que a mídia tem o poder de produzir. A violência que não se vê, não comove, não reclama, necessariamente, ações sobre ela. (RONDELLI, 1983: 147)

A violência transmitida pelos meios de comunicação não é a violência real, mas uma violência percebida. Os meios de comunicação agem como construtores de representações sociais sobre o crime, a violência e sobre aqueles envolvidos em suas práticas e em sua coibição. A mídia pode, assim, exercer papéis tanto positivos no sentido de informar, divulgar os atos violentos e promover ações sociais, como negativos, banalizando-os.

Nesse sentido, buscamos desconstruir a violência exibida na telenovela *Mulheres Apaixonadas* para compreender como ela foi representada e que tipo de ações provocou. Dentro das três categorias temáticas selecionadas para o estudo, foi feita uma análise dos conteúdos discursivos presentes em cerca de 10 capítulos, selecionadas dentre os 203 que telenovela exibiu.

3.2. Análise do conteúdo discursivo: três categorias de violência em *Mulheres Apaixonadas*

A violência urbana

A violência urbana foi inserida na trama por meio de uma cena emblemática, em que a personagem Fernanda (Vanessa Gerbeli) morre vítima de uma bala perdida. A cidade do Rio de Janeiro que, em outras telenovelas, era representada como a cidade maravilhosa da Zona Sul, aparece agora tão perigosa quanto a da Zona Norte e das favelas. O fato de o tiroteio no enredo acontecer justamente no Leblon, bairro chique da cidade, demonstra que a violência é um fenômeno transversal. Ao menos em *Mulheres Apaixonadas*, procurou-se fugir do pensamento dominante de que a violência urbana está restrita às favelas e aos bairros pobres.

A cidade do Rio de Janeiro foi representada não apenas como uma cidade linda, com as habituais cenas do Cristo Redentor, dos belos corpos desfilando pelo calçadão de Ipanema. Aqui surge um outro Rio de Janeiro, violento e assustador. Destacamos o não-deslocamento da violência. Não foi preciso ir até a favela para inserir a violência urbana na trama. A intenção era justamente mostrar que a cidade inteira vivia (ou ainda vive) uma situação de violência.

O debate acerca da violência urbana na cidade do Rio de Janeiro contribuiu também para estimular a população a participar da manifestação *Brasil Sem Armas* que aconteceria dia 14 de setembro de 2003, pouco mais de um mês depois da exibição da cena da bala perdida.

A passeata *Brasil Sem Armas*, promovida pela organização não-governamental *Viva Rio* teve o apoio de Manoel Carlos e da TV Globo. O autor decidiu unir realidade e ficção ao gravar os personagens amigos de Fernanda participando da passeata em Copacabana. Cerca de 40 mil pessoas e 40 atores do elenco de *Mulheres Apaixonadas* participaram da passeata. O então Secretário de Segurança Pública do Rio, Anthony

Garotinho, o relator do Estatuto do Desarmamento, deputado Luiz Eduardo Greenhalgh, o presidente da Câmara dos Deputados, João Paulo Cunha, o Ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos e o Secretário de Direitos Humanos, Nilmário Miranda, também estiveram presentes. O objetivo da manifestação foi sensibilizar a Câmara dos Deputados para não adiar mais a votação do Estatuto.

Essa passeata e vários discursos dos personagens tinham o intuito de apoiar a aprovação do Estatuto do Desarmamento pelo Congresso Nacional que aconteceria em 21 de outubro de 2003, poucos dias após o fim da exibição da telenovela.

A violência contra a mulher

A violência contra a mulher foi representada também deslocada da visão comum de que só acontece nas classes menos favorecidas. Raquel (Helena Ranaldi) e Marcos (Dan Stulbach) são inteligentes, bonitos e ricos. Nada disso impede Marcos de violentar a ex-mulher.

O destaque ficou por conta do drama da denúncia, comum entre as mulheres vítimas desse tipo de violência. Raquel superou o medo e a vergonha e denunciou seu agressor. Essa atitude foi aprovada pela mídia e mobilizou a sociedade, fato comprovado pelo aumento no registro de denúncias nas delegacias de mulher e pela criação do Programa de Prevenção à Violência contra a Mulher pela deputada Kátia Abreu e aprovado pelo presidente Lula.

A violência contra o idoso

Os personagens Flora (Carmen Silva) e Leopoldo (Oswaldo Louzada) foram o centro do debate sobre a violência contra os idosos e sobre a terceira idade. O casal de idosos foi representado na trama como pessoas ativas, alegres e saudáveis.

As feridas da sociedade brasileira foram expostas por meio de um comportamento extremado, na figura da neta Dóris. Jovem de classe média, consumista, individualista e cheia de preconceitos, Dóris enxergava os avós com os olhos da juventude. Percebia a velhice como uma doença, como algo repudiável. Visão bem parecida com a dominante na sociedade atual onde tudo é feito e construído para os jovens.

O primeiro passo para a representação pejorativa do idoso é associá-lo indistintamente à doença. É comum Dóris referir-se ao avô como “velho caduco” ou



“esclerosado”. É dessa forma que a jovem neta vê os idosos. Em nenhum momento, no entanto, ele é representado na telenovela como doente.

Na trama, Dóris maltratava os avós. Na vida real, os jornais relatavam casos de maus-tratos e toda a sociedade se mobilizava em prol dos direitos dos idosos. A reportagem⁸ do jornal *Correio Braziliense* em 03/04/2003 cita o caso de um idoso preso pela família no quintal de casa em Ceilândia por “sujar demais a casa”. A matéria compara a vida real com as cenas da novela *Mulheres Apaixonadas*, e garante que a realidade é mais cruel:

Não fosse a denúncia de vizinhos, é possível que esse senhor ainda estivesse trancado como um bicho nos fundos de casa. Talvez nem Manoel Carlos, autor da novela *Mulheres Apaixonadas*, que aborda o preconceito contra os mais velhos, bolasse um enredo com tamanho requinte de crueldade para atormentar na telinha o casal protagonizado por Oswaldo Louzada e Carmen Silva.

A violência contra o idoso, dessa forma, é representada na telenovela de modo a chamar a atenção do telespectador para seus próprios preconceitos e para o seu próprio entendimento do que é a velhice. A discussão ganhou força na trama e na sociedade e o Estatuto do Idoso que tramitava no Congresso Nacional havia mais de seis anos, foi aprovado no Senado Federal no dia 23 de setembro de 2003, quando *Mulheres Apaixonadas* ainda era exibida.

4. O impacto na mídia e na sociedade

O impacto dessas representações no debate público e no cenário político nacional foi inferido à partir da cobertura da mídia sobre as temáticas de violência abordadas pela telenovela e de ações importantes no Congresso Nacional.

O método adotado foi a análise do material publicado no jornal local *Correio Braziliense*, relativo aos temas de violência representados na telenovela. Esse jornal foi escolhido por ser o mais representativo da cidade de Brasília e um dos maiores do país.

Verificamos também que houve uma intensa publicação de reportagens sobre essas temáticas em outros jornais como o *Estado de São Paulo*, *O Globo* e a revista *Veja*. Além da farta cobertura jornalística, parlamentares e até o presidente da

⁸ *Reféns dos maus tratos*. *Correio Braziliense*. Brasília, 03 de abril de 2003.



República, Luís Inácio Lula da Silva citaram *Mulheres Apaixonadas* como um importante espaço para a discussão de temas sociais de interesse da população.

A violência contra o idoso

Com relação à temática da violência contra o idoso, foram selecionadas as notícias do jornal *Correio Braziliense* no período de fevereiro a outubro de 2003 em que havia ocorrência de frequência dos temas: *Mulheres Apaixonadas*, idoso, violência doméstica e terceira idade. Em toda a análise foram descartados os resumos semanais das telenovelas publicados aos domingos.

Verificamos a ocorrência de 14 matérias envolvendo essa categoria temática que extrapolou os espaços normalmente dedicados às notícias de televisão (*Correio da TV e Caderno C*). Editoriais como *Brasil e Cidades* também discutiram o assunto. Esses temas foram abordados nos meses de fevereiro, março, abril, setembro e outubro; o que corresponde aos três primeiros meses e aos dois últimos meses de exibição da telenovela.

Nos quatro primeiros meses de exibição da telenovela, o tema do idoso teve bastante destaque e grande impacto junto ao público. No dia 3 de abril de 2003, a matéria *Reféns dos maus-tratos*⁹ revela que as denúncias de agressões contra os idosos à Central de Valorização do Idoso (CVI) e ao Ministério Público aumentaram. Só nos primeiros dois meses do ano, foram 26 ocorrências e na maioria dos casos, o agressor fazia parte da família da vítima.

Em meio às denúncias e discussões acerca dos direitos dos idosos, o Estatuto do Idoso, que tramitava havia mais de seis anos, ganhou força e retornou à pauta. No dia 23 de setembro de 2003, o Estatuto foi aprovado no Senado Federal e em outubro sancionado pelo presidente Lula. Na cerimônia de comemoração da aprovação estavam presentes vários representantes de associações de idosos, senadores, o Presidente de República e o casal de atores Oswaldo Louzada e Carmen Silva da referida novela.

Na página oito da edição do Estatuto do Idoso¹⁰ publicada pelo gabinete do senador Paulo Paim, relator do projeto, há uma referência à importância da telenovela para a aprovação do projeto de lei:

⁹ *Reféns dos maus tratos*. Correio Braziliense. Brasília, 03 de abril de 2003.

¹⁰ Brasil. Senado Federal. Senador Paulo Paim. Estatuto do Idoso. Brasília: Cedoc, 2004.



O projeto de lei ganhou aliados fortíssimos em 2003: A campanha da Fraternidade da CNBB e a novela da rede Globo, *Mulheres Apaixonadas*. O tema da Campanha da Fraternidade desse ano foi “Fraternidade e Pessoas Idosas – Vida, Dignidade e Esperança”. Já a novela da Globo abordou o drama da velhice por intermédio de um casal maltratado pela neta, personagens interpretados pelos atores Carmem Silva e Oswaldo Louzada. (BRASIL, 2004: 8)

O senador Paulo Paim, relator do Estatuto do Idoso, em discurso na cerimônia de comemoração ao Dia Internacional do Idoso (27/09/2003) parabeniza o autor Manoel Carlos:

Cumprimento ainda o autor da novela *Mulheres Apaixonadas*, Manoel Carlos, bem como os artistas, que contribuíram para que o tema do Idoso fosse debatido nacionalmente: Carmem Silva, 87 anos, a nossa gaúcha, e Oswaldo Louzada, 91 anos, carioca. (id.ibid.: 18)

A violência urbana

Repetindo o procedimento, com relação à temática da violência urbana foram selecionadas as notícias em que havia ocorrência dos temas: *Mulheres Apaixonadas*, violência, violência urbana, armas de fogo e desarmamento, no período de fevereiro a outubro de 2003, no jornal *Correio Braziliense*.

Verificamos a ocorrência de 24 matérias envolvendo essas categorias temáticas. Novamente, os temas abordados pela telenovela extrapolaram os espaços normalmente dedicados às notícias de televisão. As editoriais *Brasil, Cidades e Opinião* também discutiram o assunto. Tais temas foram abordados nos meses de junho, julho, setembro e outubro de 2003. Comparando com a duração da telenovela, trata-se do período relativo à segunda metade de sua exibição.

As cenas em que Fernanda e Téo são atingidos por balas perdidas foram exibidas em agosto. Em setembro foi transmitida a caminhada *Brasil Sem Armas* e foi também o mês em que, assim como outubro, houve mais reportagens sobre a temática.

Em setembro foram 10 matérias que enfocavam a necessidade da votação do estatuto, as reivindicações da população pela paz, os índices da violência e da quantidade de armas no país, as mudanças e alterações no estatuto. Em outubro, o Estatuto foi aprovado e o jornal publicou 12 matérias sobre o assunto.

A violência contra a mulher

Em relação à temática da violência contra a mulher foram selecionadas notícias em que havia ocorrência dos temas: *Mulheres Apaixonadas*, violência doméstica e violência contra a mulher, no período de fevereiro a outubro de 2003, no jornal *Correio Braziliense*.

Verificamos a ocorrência de cinco matérias envolvendo essas categorias temáticas. Aqui também o tema abordado pela telenovela em questão extrapolou as páginas dos cadernos sobre televisão, havendo também citações da telenovela no caderno *Brasil*. Os meses em que esses temas foram mais discutidos foram os três últimos relativos à exibição da telenovela: agosto, setembro e outubro.

A partir das matérias publicadas no *Correio Braziliense*, verificamos que a discussão do tema da violência contra a mulher coincidiu com o período em que a personagem Raquel vivia seus dramas relativos a denunciar ou não seu agressor. De maio a setembro, na telenovela, Raquel sofreu várias agressões de seu ex-marido Marcos. Entre Agosto e setembro foi o período em que ela começou a decidir-se por denunciá-lo.

A matéria do *Correio Braziliense* do dia 15 de outubro de 2003¹¹ revela o impacto que a denúncia de Raquel provocou na sociedade:

O final da personagem Raquel, vivido pela atriz Helena Ranaldi, na novela *Mulheres Apaixonadas*, influenciou o Congresso Nacional. Nos últimos capítulos da trama, recorde de audiência, a jovem superou o medo e denunciou o ex-marido Marcos, vivido pelo ator Dan Stulbach, pelos sucessivos espancamentos que sofreu. Nas delegacias de atendimento à mulher, o drama de Raquel multiplicou as denúncias de agressão. Na Câmara e no Senado, deu novo fôlego para a tramitação de propostas que tratam da violência contra a mulher. (...) A deputada Kátia Abreu utilizou o exemplo fictício da novela no seu projeto. “A novela foi um alerta por trazer à tona o debate e estimular a denúncia”. (...) Para a delegada Vera Lúcia da Silva, da Delegacia da Mulher do DF, os efeitos de *Mulheres Apaixonadas* foram imediatos. “No dia em que Raquel foi à delegacia, aqui lotou”.

Além de estimular as mulheres a denunciar seus agressores, o drama vivido por Raquel impulsionou o projeto de lei¹² deputada Kátia Abreu que previa um endurecimento das penas aplicadas aos agressores de mulheres.

A matéria do dia 28 de agosto¹³ relata o lançamento do Programa de Combate à Violência contra a Mulher. Destaque para o discurso do presidente Luís Inácio Lula da

¹¹ *Se bater leva*. *Correio Braziliense*. Brasília, 15 de outubro de 2003.

¹² <http://www.katiaabreu.com.br/projetoseleis.html>



Silva¹⁴ que se referiu aos agressores de mulheres como ‘raqueteiros’, uma referência ao capítulo em que Marcos espanca Raquel com uma raquete de tênis.

(...)Poderia começar dizendo assim: ‘Mulheres do mundo, uni-vos contra os raqueteiros!’.
O dia de hoje marca um momento importante na política de promoção dos direitos das mulheres, do nosso governo. (...)Nós sabemos que não são todos os pais que aceitarão que a sua filha tenha uma aula sobre educação sexual na escola. Nós já temos experiência e sabemos que a educação pode, quem sabe, ser o grande instrumento de superação que precisamos para isso. E, aí, acho que entra o papel dos meios de comunicação. Acho que a novela das oito, já que estão aqui os nossos dois companheiros com os codinomes de Raquel e Marcos, aquilo, na verdade, é uma coisa do cotidiano deste país periférico, deste país rico, deste país negro, deste país branco, deste país índio, deste país trabalhador, deste país desempregado. Só que, na vida real, não é uma raquete. Na vida real, a coisa é mais bruta, é mais desumana. E acho que a televisão pode ser um instrumento excepcional para que a gente também possa ajudar a formar a nossa gente.

A partir das declarações do então presidente da República tem-se uma dimensão do alcance e do impacto que a televisão e, especialmente a telenovela, tem na sociedade brasileira. Há que se ressaltar, no entanto, que a discussão na trama esteve atrelada a outros meios de comunicação como jornais, noticiários e revistas, e ainda a organizações não-governamentais de luta e combate à violência. É certo que a simples inserção de temas sociais não seria suficiente para gerar um forte debate e mobilização social, mas a união da telenovela com outros veículos de comunicação e com órgãos de luta social podem sim gerar, se não uma mobilização, uma reflexão na sociedade.

5. Conclusão

Com este artigo intentamos demonstrar a profunda inserção da telenovela no país. Percebemos pela telenovela *Mulheres Apaixonadas* o impacto que esse produto cultural tem na sociedade brasileira, capaz de pautar a mídia, a agenda pública, fomentar o debate e engendrar ações políticas.

Diante dessa característica da telenovela, propomos pensá-la não apenas como um produto de entretenimento, mas como produto capaz de informar, conscientizar e mobilizar o telespectador. *Mulheres Apaixonadas* mostrou que é possível entreter e pensar. É possível alcançar elevados índices de audiência com um produto socialmente responsável, consciente de sua importância na representação e na formação do imaginário brasileiro.

¹³ *Mais delegacias e aumento de pena para raqueteiros*. Correio Braziliense. Brasília, 28 de agosto de 2003.

¹⁴ http://www.radiobras.gov.br/integras/03/integra_270803_02.htm



Conclui-se, portanto, que a telenovela *Mulheres Apaixonadas*, ao representar a violência em suas diversas faces não se limitou a ser um produto de entretenimento, cumprindo também um papel social. Conferimos o caráter de produto cultural socialmente responsável a esta telenovela e despertamos para o debate da possibilidade de uma maior inserção de temas sociais na televisão e na teledramaturgia brasileira.

Bibliografia

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Comissão Especial de Combate à Violência. *Relatório Final*. Brasília: CEDOC, 2002.
- BRASIL. Senado Federal. Senador Paulo Paim. *Estatuto do Idoso*. Brasília: CEDOC, 2004.
- FIGUEIREDO, V. L. F; PEREIRA, M.; GOMES, R. C.; (orgs). *Comunicação, representação e práticas sociais*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004.
- FRANÇA, V. R. V. *Representações, mediações e práticas comunicativas*. In: GOMES, M. As telenovelas: um lugar de formação social e entretenimento.
- MATTERLART, M. e MATTELART, A. *O Carnaval de imagens: a ficção na TV*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- MONTORO, T. *Sangue na tela: a representação da violência nos telejornais brasileiros*. In: Imprensa e Poder. Brasília: UnB, 1999.
- MOSCOVICI, S. *Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2005
- PERDIGUEIRO, T.G. *La responsabilidad social de las empresas en un mundo global*. Barcelona: Anagrama, 2003.
- PORTO, M. *Telenovelas e política: a eleição de 1994*. In: Comunicação e Política, v. 1, n.3, abril/julho. Brasília: UnB, 1995.
- RONDELLI, E. *Mídia e violência: ação testemunhal, práticas discursivas, sentidos sociais e alteridade*. In: Comunicação e Política, v. IV, n. 3, nova série, setembro/dezembro. Rio de Janeiro: Cebela, 1997.
- TUFTE, T. *Telenovelas, cultura e mudanças sociais: da polissemia, prazer e resistência à comunicação estratégica e ao desenvolvimento social*. In: LOPES, M. (org.). Telenovela: Internacionalização e Interculturalidade. São Paulo: Loyola, 2004.
- VASSALLO DE LOPES, M. I. *Vivendo a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus, 2002.